

# Necessidade de um projeto nacional

O GLOBO

23 JUL 1995

JOSÉ SARNEY

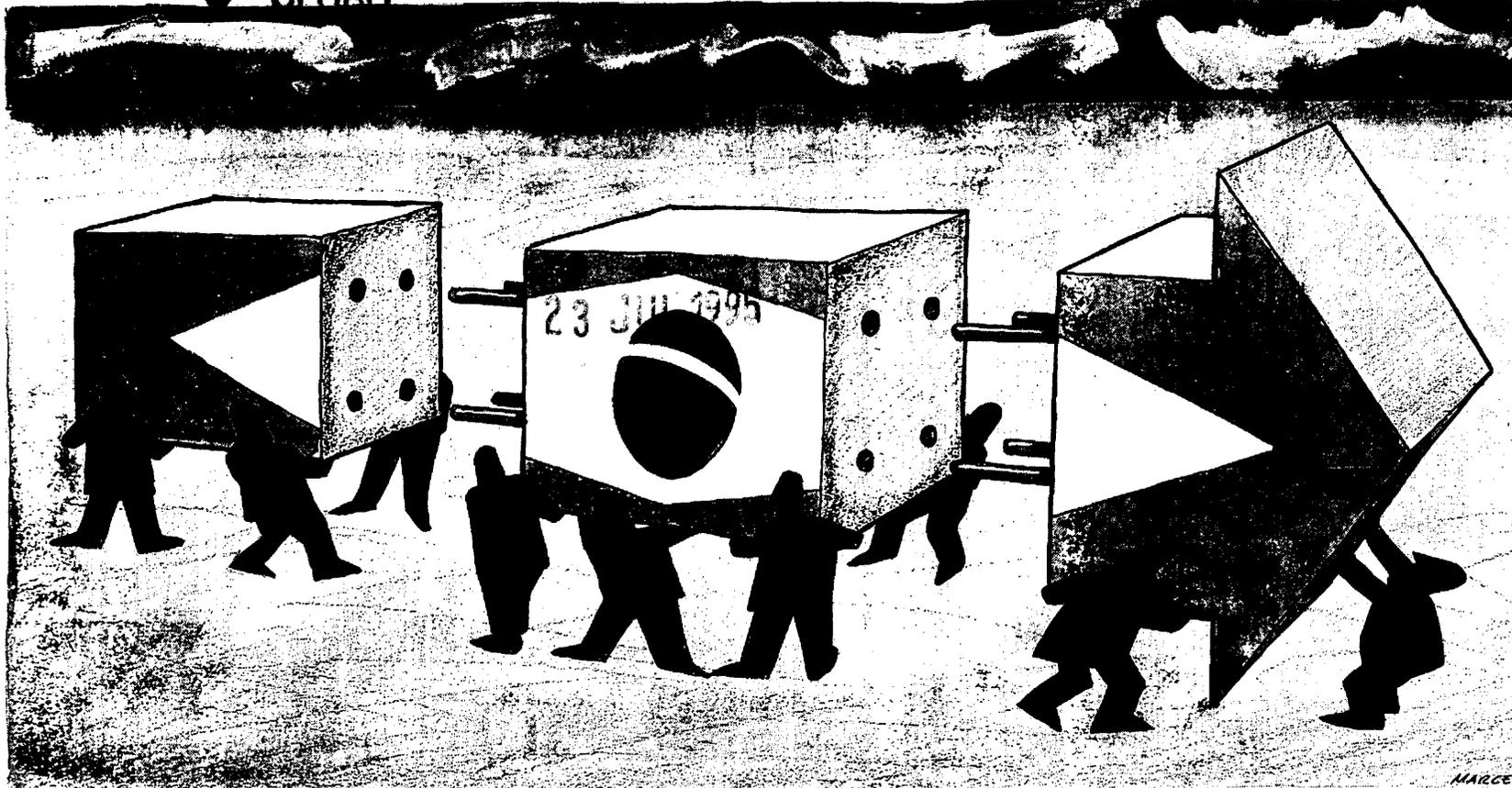
O diagnóstico é fácil de fazer — difícil é o remédio. O Brasil e a Índia são os dois únicos países de grande extensão territorial e grande população que ainda não assumiram uma posição protagonista no mundo. Estamos decididamente na periferia. As vezes, mais perto do centro, outras mais longe. Essa situação tende a tornar-se modelo ou vai mudar? Em que momento da História tomamos o caminho errado, um desvio que nos fez chegar a esta situação de uma sociedade concentradora de renda e altos desníveis sociais?

Não temos respostas acabadas para estas perguntas. Temos explicações. Uma delas, talvez, que a energia do progresso passou a circular somente no Hemisfério Norte, deixando o Sul na área do subdesenvolvimento. Por aqui não passa nenhuma corrente de decisão do poder mundial. Nem política, nem econômica.

A verdade para o Brasil é que as dificuldades nos levaram à escravidão de operar o dia-a-dia, a perder a visão estratégica; abandonamos o planejamento e não possuímos um projeto nacional. Estamos envolvidos em uma batalha campal, e não de posição. Para usar uma expressão popular, estamos como "cegos no meio de tiroteio".

Essa situação, creio eu, decorre da instabilidade gerada pelas sucessivas crises políticas em que mergulhamos a partir de 30; depois, do surgimento de uma cultura anarco-populista, de peleguismo nas duas pontas, a patronal e a trabalhista; e, mais recentemente, do militarismo, que é a agregação de poder político ao poder militar; decorre ainda do sistema eleitoral arcaico, partidos políticos caóticos e de um vazio de lideranças.

Com a volta da democracia, conti-



nuamos a busca de uma lei eleitoral, de um sistema partidário que dê legitimidade à representação, almejando uma sociedade mais justa, não concentradora de renda e de melhores indicadores sociais.

A tarefa da reconstrução não pode acontecer da noite para o dia, não é obra de um grupo de iluminados, mas de uma consciência política de toda a Nação.

É imperioso separar os sindicatos e as centrais sindicais dos partidos políticos. No passado, o getulismo ligou o Ministério do Trabalho ao

PTB; hoje, a CUT é ligada ao PT. No fundo, o mesmo processo. Numa ponta, o clientelismo; noutra, a ideologia dogmática.

A crise é visível. Mas tem de ser conjurada. Há sinais de saúde. Há uma faixa de governabilidade criada pelo Congresso e os partidos políticos. A esquerda começa a ser racional e descobre que vivemos novos tempos. Há definitivamente espaço para a esperança.

O Plano Real consolida-se e prepara-se para atravessar o Grande Canyon, o gargalo. Há problemas com o

câmbio e os juros, mas desde que haja terreno para governar, é possível tomar decisões e resolver os problemas.

Resta-nos a perspectiva do futuro. Não tenho medo do presente, mas me assusta a não existência de um projeto nacional. Há um fato novo no mundo, libertário e transformador: o conhecimento. A educação no Brasil está destrocada, a ciência e a tecnologia encurraladas pela falta de recursos e pelo desestímulo aos seus operadores.

Qual a equação do futuro? Dar go-

vernabilidade ao país. Reduzir o tamanho do Estado e dar a este a força de harmonizar conflitos, produzir distributivos a fim de promover-se o desenvolvimento social. Levar a cabo um programa capaz de retirar da pobreza 30 milhões de brasileiros. Incentivar a criação de empregos, porque a pobreza e a miséria começam no desemprego.

Diz-se comumente que o mercado

pode resolver tudo, mas não resolve a educação, a saúde, os serviços públicos.

Os novos partidos e sindicatos envelheceram. Eles representam apenas o dia da eleição, e cada vez mais se perdem no tempo. É necessário discutir idéias, renovar os temas e refletir sobre nossos deveres de formular novas políticas.

O Brasil, cada vez mais, quando avança na solução da conjuntura, necessita da formulação de um projeto nacional, constituído por um partido, governo ou um grupo de idealistas, que seja submetido ao povo, aprovado e executado. Estamos, por hora, na especulação do cotidiano, o que não constitui uma postura construtiva, é a contemplação do desastre.

Não temos razão para temer o futuro. O país é um grande país. Recursos humanos e, já hoje, a oitava economia industrial. Temos tudo para crescer, resolver nossos problemas e sentarmos à mesa dos protagonistas mundiais.

Fora o pessimismo e venham o idealismo e a coragem. Espantem-se as cassetas. A hora é de construir e não de demolir.

Nada melhor do que acreditar em seu país. Amá-lo com todas as forças de sua gratidão e não desistir o caos, para daí surgir a revolução salvadora. Isso não ocorre, não existe, e foi o pesadelo da frustração dos que hoje amargam a nostalgia da cortina de ferro. Seus seguidores no Brasil são o fantasma do atraso.

Dificuldades, sim. Todos os países as têm. Desesperar, nunca, porque a chave de nosso futuro está na capacidade de nosso povo e na certeza de que, em breve, vamos ter um novo e segundo período de crescimento. Para isso, contudo, é preciso fixar o rumo certo, através de um projeto nacional.

José Sarney é senador pelo PMB do Amapá.